

A400443

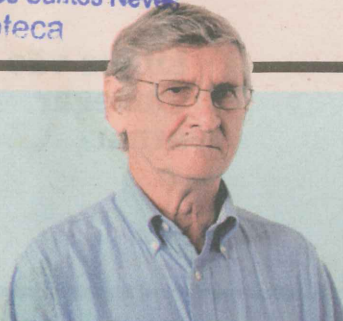
Instituto Jones dos Santos Neves
Biblioteca

Agricultura -

DINHEIRO 37

QUARTA-FEIRA, 7 DE DEZEMBRO DE 2011 A GAZETA

ORLANDO CALIMAN



A produção de café possibilitou o surgimento de cidades, vilas, rodovias, ferrovias, instituições e uma ampla rede de relações econômicas

Identidade pela resistência

Se existe uma atividade econômica no Espírito Santo que lhe possa conferir características de identidade própria e que ao mesmo tempo se apresenta com um denso enraizamento territorial – mostra-se presente em praticamente todos os municípios –, sem dúvida, essa seria a do café; mais que qualquer outra atividade. Em grande medida, nossa formação econômica, social, política e também cultural encontra fundamentos de alguma forma na produção, transformação e comercialização do café.

Ou seja, deixou legados em cada pedaço do nosso Estado, que vistos numa perspectiva mais ampla e articulada nos remete a configuração de uma história de resistência, que por sua vez forjou uma identidade também de resistência.

Resistência e insistência, primeiramente, em manter-se enquanto atividade predominante por mais de um século. Essa atividade teve início na metade do século 19. E é bom lembrar que o café

perde a sua hegemonia econômica somente a partir da década de 60, por força do programa federal de erradicação, que imputou ao Espírito Santo perdas quase que irreparáveis, e também por conta processo acelerado de industrialização. Até então, assentado no modelo da pequena produção familiar, característica singular e mantida até hoje, possibilitou o surgimento de cidades, vilas, rodovias, ferrovias, instituições e uma ampla rede de relações econômicas e sociais.

São legados que nem mesmo as intensas transformações provocadas pela industrialização, urbanização da população e diversificação da própria agricultura conseguiram ou conseguem fazer desaparecer. Ao contrário, o que se percebe é que essa atividade se apresenta agora reinventada, revigorada e inserida num contexto de mundo globalizado e preocupada com a sustentabilidade dos seus negócios e também do planeta terra. É o instinto de resistência atualizado para as circunstâncias do momento.

O Espírito Santo terá em 2011 a sua maior safra da história. Segundo estimativas do Incaper, a produção atingirá o volume de 11,5 milhões de sacas, sendo 73% de conilon e 27% de arábica. Mas, o mais relevante é

saber que por detrás dessa produção está um verdadeiro batalhão de pequenos produtores, algo em torno de 60 mil, envolvendo famílias, trabalhadores, e que acionam através de relações de trocas – compras e vendas – inúmeras cadeias produtivas locais. No fundo, eles dão vida às pequenas e também médias economias locais.

Mas, é com um olhar para além dos números que podemos compreender melhor o que está efetivamente acontecendo no nosso setor cafeeiro, compreendendo nesse caso dois tipos – conilon e arábica. No caso do conilon, o Espírito Santo já é referência nacional e internacional em produção, qualidade e produtividade. Já no

O Espírito Santo terá em 2011 a sua maior safra da história. Segundo estimativas do Incaper, a produção atingirá o volume de 11,5 milhões de sacas, sendo 73% de conilon e 27% de arábica

caso do arábica, o que se observa no momento é a exteriorização de uma verdadeira revolução silenciosa. Digo isso porque historicamente, e isso até bem pouco tempo, final da década de 90, nosso Estado era conhecido e reconhecido pela má qualidade do produto que colocava no mercado.

A situação bem diversa do que podemos observar atualmente. Se no passado ainda bem próximo não tínhamos nenhum registro de produção de café arábica especial – categoria de cafés especiais –, hoje, nosso café das montanhas já consegue produzir mais de um milhão de sacas classificáveis nessa categoria.

Trata-se, sem dúvida, de um salto quantitativo e qualitativo que podemos caracterizar como fantástico, considerando-se inclusive circunstâncias de mercado quase sempre adversas. E mais importante ainda: osso gera uma renda “prêmio” não desprezível de aproximadamente R\$ 200 milhões por conta do “prêmio preço” pela qualidade. Um mecanismo silencioso e eficiente de distribuição de riqueza, segundo afirmou o presidente do Incaper, Evair Melo, no evento de premiação de produtores de café de qualidade, no último sábado em Venda Nova do Imigrante.